

NÓS DA REDE

Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde • Nº 9 • Setembro/2011



www.edpsaude.net

Editorial

Valla, setembros e primaveras.

Fechamos este Boletim Nós da Rede em setembro de 2011. Mês em que comemoramos 90 anos de nascimento de Paulo Freire. Mês em que Valla faleceu, num dia 7 de 2009, e a quem homenageamos com este Boletim.

A primavera e suas flores estão chegando e tecem uma história que se faz em muitos lugares. Estão aí os movimentos sociais no hemisfério Sul. Os movimentos no Oriente Médio e norte da África podem vir a desenhar uma miríade de novas possibilidades no mundo. O movimento pela primavera da Saúde no Brasil se alia ao grito dos excluídos, aos protestos contra a corrupção. O SUS completa 21 anos e a ementa 29 entra em discussão no legislativo.

Mas nem tudo são flores na primavera, nos lembram os pescadores que neste mês fazem um seminário internacional sobre o impacto da Usina Belo Monte; nos lembram as enchentes que castigam Santa Catarina; nos lembram os Guarani-Kaiowá, em violenta disputa na demarcação de terras; nos lembram os trabalhadores sem teto e sem terra, mais uma vez ameaçados e criminalizados; nos lembram os chilenos e as chilenas, que num dia 11 de setembro sofreram um golpe por militares apoiados pelos Estados Unidos, os quais também num 11 de setembro sofreram atentado.

As primaveras com flores são aliadas favoráveis para pensarmos em novos tempos de liberdade. As primaveras sem flores mostram que o mundo precisa ser pensado e praticado de outras formas. Percebe-se que uma nova constituição da liberdade não é somente o problema do Oriente, da África, do Brasil, do Chile, dos Estados Unidos, mas o de todos os povos.

Liberdade? É o que canta a viola em noite enluarada, é a reza da parteira, o apoio social, a cenopoesia, a construção compartilhada do conhecimento, a espiritualidade, o acesso, o acolhimento, a história da Educação Popular e Saúde, suas tendas, seus encontros, suas ações institucionais, acadêmicas, populares, sociais, escritas, faladas, cantadas, dançadas, rezadas... Uma outra liberdade, da vida, da luta



pela vida digna e sua celebração, da cultura popular, que nos ensina que o tempo de aprender, de ensinar, de amadurecer, é o tempo do preparo do campo, do plantio, da colheita, do agradecimento, da luta diária, do trabalho árduo. Um tempo no qual, com a gentileza do profeta popular e com a paciência impaciente, vamos construindo um outro mundo, como seres históricos, de cultura que todos e todas somos. E assim já são 9 Boletins, com este que está nas suas mãos. Boa leitura.

Victor Valla

p. 2, 3, 4, 5

**Memórias,
Articulações e Ações**

p. 6, 7, 8

**Pesquisa,
Tradição e Arte**

p. 9, 10, 11

**Conferência
Nacional de Saúde**

p. 12

Algumas palavras sobre Victor Vincent Valla

Eduardo Stotz (eduardostotz@gmail.com)

Nascido em Los Angeles, cidade da costa oeste dos Estados Unidos, em 1937, Victor Valla chegou ao Brasil imediatamente após o golpe militar de 1964 na condição de missionário da Igreja Católica. Em breve deixou esse caminho de lado para dedicar-se ao ensino e em seguida ao trabalho de Educação Popular. Como ele mesmo disse em entrevista concedida à revista Trabalho, Educação e Saúde, da Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio, a Educação Popular é um termo que traz a idéia de que educando a maioria da população é possível superar a pobreza, pois esta se explica pelo fato de a população não estar educada. Contrariamente a esta perspectiva, Valla entendia a Educação Popular, elaborada e desenvolvida principalmente por Paulo Freire, como ponto de partida para o diálogo e a problematização do saber espontâneo das pessoas das classes populares, daquelas que vivem apenas do seu trabalho, assalariado ou autônomo, tendo em vista questionar o modo como a própria sociedade estava organizada. A adoção desta perspectiva educacional aconteceu a partir de 1977, quando transformou a educação popular – denominada “não-formal e extra-escolar” – em objeto de pesquisa no Instituto Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE-FGV) e reconheceu que se trata de pensar projetos educativos com as camadas populares e não para elas. Estabeleceu-se nesse momento o elo vital entre a academia e a rua, que iria caracterizar a trajetória desse professor e pesquisador de origem americana, mais tarde naturalizado brasileiro. Isso porque, naquele ano, ao lado de seu trabalho como pesquisador do IESAE, Valla atuava como professor de ensino supletivo numa favela em Santa Teresa e como colaborador da reconstrução da Federação de Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro - FAFERJ.

A primeira sistematização desse estudo e experiência em Educação Popular foi apresentada no livro Educação e Favela, publicado em 1986. Nessa obra ele parafraseou o arquiteto inglês John Turner, quando, na visita a conjuntos habitacionais e a favelas cariocas, em 1968, disse que a favela não era problema, era solução de um problema. Para Valla, a favela era a solução encontrada pelas classes populares para a sua situação de pobreza que esta, sim, era (e continua a ser) o problema. Ao ingressar na Escola Nacional de Saúde Pública por concurso público em 1984, ele se dedicou a entender o que os serviços públicos, principalmente de educação e de saúde, tinham a ver com esse problema, ou seja, como respondiam às demandas da população trabalhadora. Em 1986 estruturou o grupo de pesquisa “Educação, Saúde e Cidadania” que elaborou uma vasta produção acadêmica na perspectiva da Educação Popular.



Foto: Daniela Fabrini Valla

Importa ressaltar algumas das contribuições oriundas deste grupo de pesquisa coordenado por Victor Valla. De um lado, a crítica ao biologicismo, um conhecimento que orienta a rotina dos serviços de saúde sem se referir ao contexto de vida e de trabalho, traz a necessidade de identificar quem é a população usuária desses serviços. Isso inclui o aproveitamento dos registros de atendimento, de modo a descobrir, por exemplo, se uma prevalência maior de hipertensos numa comunidade tem a ver com o trabalho daquelas pessoas. Além de saber quem é a população exposta a certos agravos à saúde, interessa reconhecer, por outro lado, que o sofrimento em torno desses agravos e das doenças é uma experiência pensada, ou seja, as pessoas das classes populares têm uma explicação para o seu sofrimento. Esse conhecimento – adquirido na experiência de vida, com o trabalho, a dor e a injustiça, orientado na imensa maioria das vezes pela religião, esse coração de um mundo sem coração como disse um pensador do século XIX – devia ser considerado o ponto de partida e a base da Educação Popular. É fundamental compreender, portanto, o que as pessoas das classes populares estão dizendo ou fazendo, alertava sempre Valla. Isso significa que os profissionais de saúde devem relativizar seu ponto de vista prévio para admitir que essas pessoas são capazes de entenderem e agirem sobre sua própria realidade, inclusive no tocante ao processo de adoecimento e cura.

A partir de 2003, dedicou-se a desenvolver a experiência da Ouvidoria Coletiva, uma metodologia voltada para enfrentar os impasses gerados pelos determinantes sociais do processo saúde-doença. Victor Vincent Valla faleceu no dia 7 de setembro de 2009, a nos lembrar, no eco do Grito dos Excluídos, que independência nacional precisa rimar com justiça social. As reflexões e ações de Valla continuam presentes e sendo reinventadas, inspirando e provocando trabalhos, políticas e articulações em torno da Educação Popular e Saúde.

Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde - ANEPS

A ANEPS nasceu em 2003, durante o Congresso Nacional de Saúde Coletiva realizado em Brasília, como desdobramento de uma mobilização de diversos atores sociais articulados com o Ministério da Saúde. A ANEPS teve importante papel na formulação da proposta do Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde (CNEPS), com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da luta pelo direito à saúde e em defesa do SUS, por meio da participação popular. Atualmente, está em andamento uma proposta de formação em Educação Popular que visa possibilitar o intercâmbio de experiências de formação e sistematização em Educação Popular em Saúde.

Para associar-se à lista da ANEPS:

<http://br.groups.yahoo.com/group/aneps/join>
Site: <http://www.aneps.org>

NÓS DA REDE

Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde • N° 9 • Setembro/2011

Editoria:

Maria Waldenez de Oliveira

Contato: waldenezoliveira@gmail.com

Lúcia Maria Ozório Barroso

Contato: lozorio@gmail.com

Diagramação e Revisão de Textos:

Adeline G. S. Gil

contato@interactadesign.com.br

Impressão:

Ícone Gráfica

<http://www.iconegrafica.com.br/>

contato@iconegrafica.com.br

Apoio:



Tiragem:

5.000 exemplares

Valla: a vitória do espírito. Caminhos e veredas.

Julio A. Wong-Un (julio.wong.un@gmail.com)

A espiritualidade em Victor Valla manifestava-se tanto na vida pessoal quanto na vida profissional e intelectual. Na vida pessoal sua busca e seu caminho espiritual foram constantes. Na vida pessoal foi Frei, primeiro; e, depois, como laico, continuou vivendo o cristianismo, além do budismo, a meditação e o acompanhamento a diversas igrejas e movimentos religiosos.

Intelectualmente, foi um dos primeiros pesquisadores a trazer para a reflexão acadêmica da Saúde Coletiva o mundo da religiosidade e da espiritualidade - na década de 1990. A partir do seu Ser Educador Popular, do seu Ser Cidadão Crítico de Esquerda e do seu Ser Humano Amante do Melhor que a Vida Oferece, Valla chamou a atenção para as dimensões militantes, transformadoras e revolucionárias da vivência espiritual. Sua opção clara pelas "classes subalternas" ou oprimidos lhe permitiu mostrar dimensões distintas do fenômeno espiritual e religioso. E, anos depois, como usualmente acontece, a Academia e o SUS começam a descobrir o que esse mestre vagaroso e bem-humorado, que lutou contra adversidade até o fim, criava em artigos, ensaios, aulas, conversas casuais, piadas, gestos sem palavras, respeito e indignação onde usualmente encontramos descaso e indiferença.

A espiritualidade em Valla era intensa e multiforme. Ela se expressava em quase todos os gestos simples do cotidiano. Ele não era, nem pretendia ser, um santo ou uma pessoa que controlasse todo o seu fazer para "ser" "especialmente" ou "propositadamente" espiritual. Era Humano, de defeitos e virtudes. Mas conviver com Victor Valla era estar próximo da perplexidade, da sacação, do riso inesperado, da frase genial depois de minutos longos de silêncio, do espanto em perceber que esse homem, distraído, às vezes cochilando, tinha extraído a essência de uma longa conversa. Valla ensinava que ser intelectual não requer sisudez nem vaidade nem erudição decorativa. Mas sim valores como respeito, diálogo, espanto, carinho e opção de mundo.

O estilo intelectual de Victor estava marcado claramente pela sua característica de místico revolucionário: lentidão, repetição, distração, criatividade que vem do devaneio, ideias simples e geniais onde outros somente convivemos com a erudição e com grandes quantidades de informação que nos esmagam. Enfim, não é possível pensar uma obra complexa como a do Valla sem pensar naquela parte dele - e de todos nós - que é o Espírito.

Ele trouxe para nós leituras, paixões e preocupações que, de alguma ou outra forma, contextualizavam sua própria vivência cotidiana: Antônio Gramsci, Simone Weil, Rosa Luxemburg, dentre outros autores, eram suas paixões e exemplos de vida.

A descoberta de uma frase, de um autor novo, de um ingrediente a mais na sua ampla e duradoura reflexão fazia de Victor uma criança feliz que repetia e repetia idéias e iluminações simples. Todos os que o conhecemos sabemos disso: o que para outros poderiam ser variações repetitivas ou até chavões, para Valla eram formas meditativas de conhecer progressivamente - nunca linearmente - o mesmo tema em suas diversas faces possíveis.

Victor foi vítima em 2002 de um AVC que progressivamente foi minando seu corpo - mas não sua vontade, inteligência e paixão intelectual e política. Ele, ao dizer, ao pensar e ao questionar, trazia novos significados às palavras. Lhes devolvia a vida. *Dar Vida Plena às Palavras*. Victor, no seu curso e percurso, era e é a vitória do Espírito. E esse é o maior legado desse educador e pensador, desse irmão de todos nós.

Victor Vincent Valla (1937 - 2009)

Total e profundamente contra-hegemônico

Lúcido... Lento

Gênio de estalos e sacações... repetitivo... engraçado... Rabugento

Mestre generoso... piadista californiano

Compreensivo, teimoso, espirituoso, boêmio

Pensador reflexivo e brilhante da Educação e da Saúde

Procurando sempre compreender a fala dos setores populares

Os caminhos aonde o povo vai, cria e sonha... Pai de muitos

Universal... focado... esperto... distraído...

Cristão, budista, marxista, botafoguense, morador do Catete no seu amado

Rio de Janeiro

Lutador e contemplativo, quieto e incansável...

Em busca do diálogo atento, freireano, cristão, humano, com as classes populares

Buscando dentro de si e dos outros o Espírito, a Iluminação, o

Transcendente

Por isso e por tudo: pessoa iluminada na construção de uma Educação e uma Saúde Coletiva engajadas, utópicas, posicionadas, sem hipocrisia, sem jogo duplo, recheadas de vozes e lógicas diversas

Alquimista que transformou tudo e todos os que tocou com sua alegria, sua fé guerreira, suas sacadas surpreendentes, seu jeito "mestre zen" de ser, e seu exemplo de tenacidade e método de vida diante da adversidade.

Victor Vincent Valla

total

e profundamente

humano

Apoio Social na Religiosidade Popular e a Educação Popular em Saúde

Carla Moura Lima (carlamourax@uol.com.br)

“Na reconstrução do Brasil, cabe a crença que o caminho a ser seguido vai ser indicado pelas classes populares.”

Milton Santos

A importância do apoio social encontrado pelas classes populares em denominações religiosas, foi uma das principais descobertas da vertente da Educação Popular em Saúde que se debruçou sobre a Religiosidade Popular desde o final dos anos 90, tendo Victor Valla como pioneiro. A observação desse fenômeno, por meio de estudos e assessoria a grupos populares, originou um novo campo de pesquisa no âmbito da Educação Popular e Saúde. As crenças religiosas têm atraído o interesse de profissionais de saúde e de educação que atuam em instituições públicas, pois se apresentam desafiadoras a esses profissionais que lidam diretamente com a população que incorpora essa perspectiva no seu diálogo.

A inclusão da religiosidade popular ampliou os estudos sobre apoio social como chave para o entendimento de formas emergentes de organização popular.

Em busca de uma definição compreensível aos grupos populares, Valla e eu escrevemos que apoio social:

“(...) é aquela ajuda (principalmente emocional) sistemática que a pessoa pobre e desamparada recebe (...). Esse apoio faz com que a pessoa se sinta mais querida, pertencendo a um grupo onde é reconhecida, onde as pessoas se importam consigo. Com isso a sua auto-estima é elevada e a pessoa sente um maior bem-estar, tanto em relação a si, quanto em relação ao mundo.”

Estudar a crescente busca das classes populares por igrejas evangélicas, tanto pelas queixas de problemas “físicos” quanto em relação ao sofrimento psíquico, deveu-se à identificação destas instituições como provedoras de auxílios por um segmento social geralmente invisível, os mais pobres.

A abertura trazida pela Educação Popular em Saúde para estudar, discutir e respeitar os fenômenos religiosos, o saber do “outro” - do próximo que, muitas vezes, é o estudante ou o que sofre e acessa o serviço público de saúde -, poderá tornar-se enriquecedora, tanto para o educando como para o profissional de saúde-educador em saúde.



Fotografia: Enival Pimentel. Acervo do Projeto Cidades Saudáveis - Itaboraí. 2010. ENSP/Fiocruz.

Estudos sobre Religiosidade Popular e Saúde têm demonstrado que os adeptos apresentam um fortalecimento da crença na proteção divina e uma sensação de terem sido escolhidos. Por isso se sentem melhor capacitados para o enfrentamento das adversidades da vida, o que propicia o desenvolvimento de maior autoconfiança, elementos que aparecem como impulsionadores de um protagonismo inédito no âmbito individual, coletivo e comunitário.

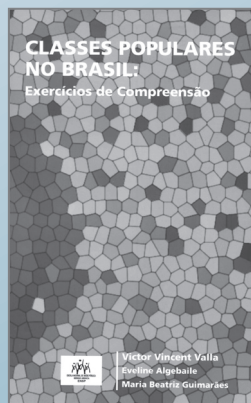
O entendimento das classes populares por meio de trabalhos sobre Religiosidade Popular na perspectiva da Educação Popular em Saúde, tem se mostrado um potente instrumento para que se possa trabalhar mais e melhor, com elas. As alternativas encontradas pela população podem indicar caminhos possíveis, que não exijam vultosos recursos financeiros para o estabelecimento de políticas públicas que realmente venham ao encontro do que as classes populares precisam e lhes é de direito.

Classes Populares no Brasil: Exercícios de compreensão.

Victor Valla foi um desestabilizador das formas de pensar a educação popular. Desloca nossas formas de pensar os coletivos populares.

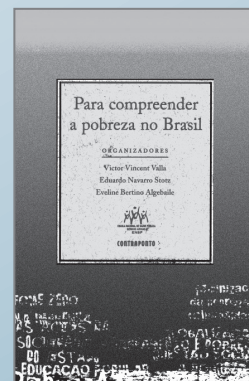
Ao destacar as formas de viver-sobreviver dos coletivos populares, Valla (...) busca nas formas de viver desses coletivos as indagações que alimentam suas formas de pensar e que orientam suas formas de presença.

Por aí sempre nos aponta que a reflexão sobre a educação popular deve focar não a própria reflexão, por mais radical que ela seja, nem apenas os pensadores que a constróem, mas os próprios coletivos populares, suas formas de viver, de formação, seus processos de humanização, (...) de desumanização a que são condenados nas próprias formas de sobreviver, (...) e, sobretudo, os processos de reação, resistência, libertação dos próprios oprimidos a essas formas de viver.



Para compreender a pobreza no Brasil.

A pobreza é um fato e um sentimento de múltiplos sentidos. Mas, de um modo geral, trata-se de um termo que indica privação relativamente ao que se considera o modo de vida predominante numa dada sociedade, devendo ser estudada histórica e geograficamente. A forma dramática da pobreza – o pauperismo - chama mais a atenção pelo estado de dependência que a caracteriza. No caso do Brasil, assistimos, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, à ampliação da pobreza sob essas duas formas. Trata-se de uma problemática diretamente relacionada com as condições de vida da maioria dos usuários dos serviços públicos básicos, de saúde, de educação, entre outros. Este livro propõe uma compreensão simples e não “complicada” da pobreza, aproximando assuntos por vezes dispersos na literatura sobre o tema e buscando tratá-los em linguagem clara e acessível.



A relação entre técnicos e classes populares: uma conversa com Victor V. Valla

(entrevista à Rosely M. Oliveira)

Rosely: No seu livro, *Educação e Favela*, publicado em 1986, você apresenta o resultado de estudos sobre a história da educação nas favelas do Rio de Janeiro, trazendo uma crítica à atuação dos governos e da Igreja junto às classes populares na cidade. Você poderia falar um pouco dessas questões?

Valla: Caracterizo a Educação e Saúde como um movimento, essencialmente, de cima para baixo, oriundo das classes dominantes (governantes, médicos, profissionais de saúde) para as classes populares. Neste movimento estaria implícita a ideia de que as classes populares não teriam um conhecimento próprio e precisavam de uma orientação a partir das classes hegemônicas. Essa orientação ocorreria através da Educação e Saúde, como uma forma de manter as classes populares afastadas do chamado cordão sanitário.



Rosely: Como uma forma de controle?

Valla: Sim, controle não só físico, em termos de localização mas, também, em termos de atos higiênicos. Era um movimento que tinha como pressuposto que as classes populares, justamente por serem pobres, não tinham saúde, não tinham educação. A Educação e Saúde seria uma forma de invenção das classes hegemônicas no Brasil, como forma de controle.

Eu acho que esse é o eixo central dessa discussão: há um pressuposto nas classes dominantes de que as classes pobres, as classes populares, precisam de uma educação que lhes garanta uma melhor saúde. Há um ciclo vicioso: as pessoas são ignorantes e por serem ignorantes são pobres e por serem pobres não têm saúde, por não terem saúde são pobres. Enfim, um ciclo vicioso que, supostamente, seria rompido na medida em que as classes populares tivessem mais educação. Essa discussão aponta para a necessidade da participação popular, no sentido da construção da cidadania, de participação nas decisões políticas. Não se trata, portanto, de ter acesso apenas à educação formal, mas também, acesso aos bens de consumo coletivo necessários à proteção sanitária.

Rosely: Você sempre foi um militante político junto aos movimentos sociais no Brasil e, mais particularmente, no Rio de Janeiro. Como se dá essa articulação entre a militância política e o trabalho acadêmico?

Valla: Parte dessa minha militância política tem sido uma discordância com essa posição (de que as classes populares são ignorantes), tentando apontar a forma como as classes

populares demonstram seus conhecimentos e como eles são importantes para que tenhamos mais clareza da realidade.

Temos apontado para a possibilidade de uma construção compartilhada do conhecimento, fazendo convergir o saber acumulado a partir da ciência com o saber acumulado pelas classes populares a partir da sua vivência. Esses dois saberes poderiam se fundir para poder criar um terceiro conhecimento.

Rosely: Essa idéia está relacionada ao que você define, em seus estudos como “capacitação técnica” dos movimentos sociais?

Valla: Um bom exemplo é a demanda popular por saneamento básico: uma coisa é você ensinar saneamento básico dentro da universidade e outra questão é você trabalhar este tema do ponto de vista das classes populares. Então, a proposta da capacitação técnica pressupõe a possibilidade dos movimentos populares organizados terem acesso às questões técnicas que são necessárias para poder dialogar com o Estado.

E aí, nesta relação de mediação dos profissionais com as classes populares sobre as questões técnicas, que surge o que chamo de “crise da compreensão”. Ela desponta neste momento, nesta relação dos técnicos com as classes populares, via as questões técnicas.

É preciso compreender que o conhecimento acumulado pela população na vivência dos seus problemas modifica sua demanda. É essa demanda que exige uma bagagem técnica para que possa ser negociada com o Estado. Nesse momento, o técnico só pode fazer a mediação com as classes populares organizadas se ele perceber que sua relação com elas deve incluir a compreensão da sua cultura.

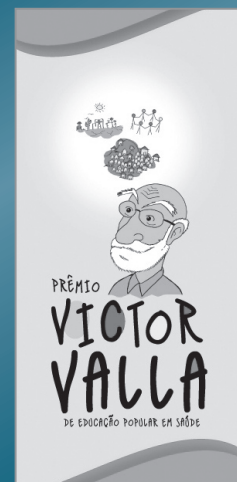
Retirado de: OLIVEIRA, Rosely Magalhães de. *Pistas para entender a crise na relação entre técnicos e classes populares: uma conversa com Victor V. Valla*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, Aug. 2003 (Leia a entrevista completa no site: www.scielo.br/pdf/csp/v19n4/16865.pdf)

PRÊMIO VICTOR VALLA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Uma das ações do Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde e da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde - SGEPM/MS - é a instituição do Prêmio Victor Valla de Educação Popular em Saúde, em homenagem ao nosso saudoso companheiro de caminhada.

O objetivo é apoiar e contribuir com o fortalecimento dos grupos, coletivos, movimentos populares e acadêmicos e serviços de saúde que, democrática e dialogicamente, desenvolvem ações de Educação Popular em Saúde. Visa também valorizar as práticas tradicionais e populares de cuidado em saúde que preservam os princípios da integralidade e humanização, as práticas que se utilizam da arte e da cultura como ferramentas de educação e promoção da saúde.

Maiores informações no site: www.saude.gov.br/sgep



Educação Popular e Saúde no Brasil

Eymard Mourão Vasconcelos (eynard.vasconcelos@gmail.com)

De forma colaborativa, compartilhada, em comunhão, com forte intencionalidade de justiça e equidade social, vem sendo construída a história da Educação Popular e Saúde no Brasil. Aqui mostramos um pouco dela.

No Brasil, desde o início do século XX, intelectuais e militantes vêm procurando atuar pedagogicamente junto às classes populares, tendo em vista a criação de uma sociedade mais justa e solidária. A vinda de imigrantes europeus anarquistas e comunistas, para aqui trabalhar, ajudou muito neste processo. Trouxeram saberes da esquerda europeia de crítica ao modelo de organização política e econômica dominante e de estratégias para sua superação. Setores das igrejas cristãs, por caminhos diferentes, também atuavam buscando criar redes sociais de solidariedade entre os pobres. Aos poucos, foi também se constituindo uma intelectualidade urbana de classe média envolvida com a ideia de que a nação brasileira só conseguiria desenvolver-se com uma maior participação e educação das classes populares. Todos estes grupos, no entanto, propunham e tinham uma atuação pedagógica muito diretiva: eles eram portadores de verdades e conhecimentos fundamentais para serem difundidos e ensinados aos trabalhadores pobres para que estes se tornassem cidadãos ativos, críticos e organizados. Com esta perspectiva, as iniciativas pedagógicas não se deslanchavam.

Estas ideias foram evoluindo com o passar das décadas. Neste processo, foi fundamental o crescimento progressivo dos movimentos populares na cena política brasileira e a emergência da Educação Popular, no início da década de 1960, em que Paulo Freire foi uma pessoa central. Para ela, o mundo popular é marcado, antes de tudo, por muita busca de superação, criatividade e saberes acumulados e não, como é usualmente percebido, de ignorância, carência e imobilismo. Descobre-se que ação pedagógica no meio popular ganha grande potência se isto é valorizado, colocando-se a serviço de uma construção de soluções e buscas que já estão iniciadas. As práticas de Educação Popular, que passam a se espalhar para toda a América Latina, desencadeiam grandes mobilizações e organizações sociais. Este processo é amortecido pelas ditaduras militares que se espalham por toda América Latina por uma ação do capitalismo internacional, temeroso desta mobilização. Mas, com o apoio de várias igrejas cristãs, as práticas de Educação Popular continuaram sob novas formas.

Profissionais de saúde vão, aos poucos, entrando neste movimento. Nas décadas de 1970 e 80, crescem e se espalham muitos trabalhos comunitários em que as questões de saúde eram centrais no trabalho educativo e organizativo. Percebe-se que os problemas de saúde e seu enfrentamento tinham grande potencial de despertar interesse e mobilização popular. O MOPS, Movimento Popular de Saúde, criado na década de 1980, foi a primeira iniciativa nacional e ampla de articulação e apoio a estes trabalhos e movimentos. Muitas das práticas de saúde mais inovadoras, que hoje estão no SUS, foram criadas e espalhadas por experiências de saúde comunitária orientadas pela Educação Popular. A mobilização social que elas desencadearam, foi também fundamental para a ampliação do Movimento Sanitário que conquistou politicamente o SUS. A vida política da nação foi se tornando fortemente marcada pela atuação de movimentos sindicais e de novos movimentos sociais.



Com a criação do SUS, o interesse maior dos profissionais e militantes do setor da saúde se voltou para o trabalho de reorganização institucional, deixando-se de valorizar a atuação pedagógica junto às classes populares e aos seus movimentos. O MOPS foi perdendo a importância política que tinha antes, deixando de articular a maioria das iniciativas e movimentos que continuaram.

Muitos profissionais, no entanto, continuaram valorizando o trabalho educativo nas comunidades. Vai se aprendendo novos caminhos de se fazer Educação Popular por dentro dos serviços de saúde oficiais, diferentemente da década de 1970 e 1980 em que as práticas de Educação Popular aconteciam prioritariamente como atividades de crítica e reivindicação ao sistema público de saúde. De práticas subversivas, tornam-se também práticas incorporadas ao sistema oficial de saúde, de forma pontual. Vai se percebendo que a Educação Popular é um instrumento poderoso de busca da integralidade no SUS, na medida em que fortalece a participação popular, desencadeando processos de diálogo e mobilização que reorientam as práticas dos serviços e criam lutas mais amplas por saúde.

A década de 1990 foi de organização destes profissionais entusiasmados com a potência sanitária da Educação Popular. Aos poucos, foi se organizando a Rede de Educação Popular e Saúde. Victor Valla foi muito importante neste processo. Seu prestígio acadêmico e sua força na Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz ajudaram muito a conseguir espaços nos congressos de saúde coletivos e apoios materiais para os trabalhos de comunicação e organização da Rede. Suas criativas reflexões ajudaram a esclarecer muitas das dificuldades que os educadores populares da saúde enfrentavam. Seu jeito brincalhão e amigo ajudou a criar o espírito de solidariedade que hoje predomina no movimento.

A organização do movimento dos educadores populares no campo da saúde, através da Rede de EPS, criou condições para que a Educação Popular deixasse de acontecer apenas como prática isolada de alguns serviços de saúde ou movimentos sociais. A década de 2000 foi marcada pela busca de criação de políticas de Estado (inicialmente em alguns municípios e depois no Governo Federal) que difundam e incorporem a Educação Popular como estratégia de tornar o SUS mais participativo, mais adequado às necessidades e interesses das classes populares e voltado também para o enfrentamento dos determinantes sociais das doenças.

Novos Espaços na Construção Compartilhada do Conhecimento: As Tendas de Educação Popular em Saúde

Permeadas pela ideia dos círculos de cultura desenvolvidos na pedagogia freireana, as Tendas de EPS, costumeiramente chamadas de Tendas Paulo Freire, têm se apresentado como uma marca dos coletivos e movimentos de EPS. Nelas são realizadas rodas de conversa, oficinas, intervenções artísticas e práticas populares de cuidado à saúde trazidos a partir de temas previamente definidos.

Podemos identificar como o precursor e fonte inspiradora da Tenda Paulo Freire, o “Espaço Che” no Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre no ano de 2005. A partir deste, dezenas de tendas já foram realizadas em eventos significativos como: Congresso da ABRASCO, Rede Unida, CONASEMS, Enfermagem, Medicina de Saúde e Comunidade, entre tantos.

Uma de suas características tem sido a sua construção compartilhada entre os atores dos coletivos de EPS desde sua formulação, promovendo assim a visibilidade das ações e práticas de EPS e a articulação entre os mesmos. Embora seja guiada pelo princípio da inclusão de novos atores e movimentos, basicamente podemos indicar como articuladores das Tendas: ANEPS, REDEPOP, ANEPOP, GT de EPS da ABRASCO, MOPS, MST, MORHAN, CMP*, entre outros.

Por meio da articulação com parceiros locais, as tendas têm inaugurado um novo jeito na realização dos eventos da área da saúde, promovendo o entrelaçamento entre a teoria e a prática, trazendo para a cena atores historicamente invisibilizados neste contexto de produção do conhecimento e articulação política, como militantes e praticantes populares de cuidado. Com o apoio da organização dos eventos procura-se articular a intencionalidade dos debates à proposta temática dos mesmos, a fim de não serem entendidas como “paralelas”, “alternativas”, “mostra popular” ou tão somente “artísticas” ou “folclóricas”.



A Tenda tem como intencionalidade a dialogicidade entre práticas e saberes acadêmicos e populares e a superação de situações-limite na saúde utilizando-se metodologias participativas e problematizadoras. Esperamos que muitas tendas ainda sejam construídas e que as mesmas, cada vez mais, reverberem nas práticas do cotidiano do Sistema Único de Saúde.

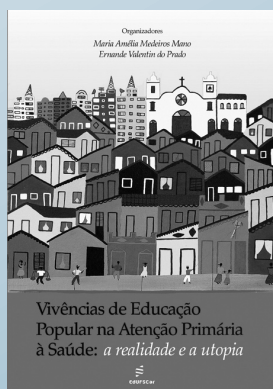
*Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde; Rede de Educação Popular em Saúde; Articulação Nacional de Extensão Popular em Saúde; Grupo de Trabalho de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva; Movimento Popular de Saúde; Movimento dos Trabalhadores Sem Terra; Movimento das Pessoas Atingidas pela Hanseníase e Central de Movimentos Populares.

Vivências de Educação Popular na Atenção Primária à Saúde: a realidade e a utopia.

“Nós” que tecem redes, caminhadas, emoções partilhadas, páginas de um sonho de três anos. Histórias: cada um fala de encontros, descobertas, saudades e esperanças que ensinam. Estudantes, esperançosamente, desejam uma formação comprometida com seu tempo e com um mundo melhor. Professores descrevem a luta pela mudança.

Pesquisadores fazem poesia. Trabalhadores trazem os materiais educativos, a abordagem centrada na pessoa, o cuidado aos idosos, a problemática do crack, a visita domiciliar, a realidade e a fantasia do interior do Brasil e das grandes favelas urbanas.

Histórias marcadas pela simplicidade e pela persistência. A mesma persistência dos “nós” que permitem o abraço que não quer desatar.



REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE

Nascida em 1991, como Articulação, passando à Rede, em 1998, dela participam pessoas com inserções diversas na área da saúde: agentes de saúde, lideranças comunitárias, estudantes, profissionais, pesquisadores, técnicos, entre outros, que se identificam com as ideias da Educação Popular em Saúde. No seu site podem ser acessados todos os números deste Boletim, bem como outros materiais e textos sobre Educação Popular e Saúde. Sua lista de discussão, com cerca de 500 participantes, é difusa e diversa, sendo seu principal objetivo a divulgação e troca de experiências e o apoio às iniciativas dos sujeitos e grupos participantes. Debateremos a saúde entrecruzando vários temas, dentre eles: educação, religiosidade, espiritualidade, arte, cultura, participação popular, organização e construção comunitária, subjetividade, saúde da família, promoção da saúde, cuidados em saúde, etc.

Lista: <http://br.groups.yahoo.com/group/edpopsaude/>
Site: www.edpopsaude.net

Encontros Regionais de Educação Popular em Saúde-2010

Como parte do processo de elaboração descentralizada e democrática da Política Nacional de Educação Popular e Saúde para o SUS (PNEPS-SUS), foram realizados 6 encontros de EPS em 2010, nas várias regiões do Brasil, com cerca de 1000 participantes. Nos Encontros realizados, a metodologia vivenciada, potencializada pela elaboração da “Carta ao Participante: Trilhas Metodológicas”, propiciou a configuração de espaços democráticos onde os sujeitos compartilharam os princípios da EPS, ressaltando a adoção e respeito ao saber popular, a escuta e a partilha. Observou-se uma participação significativa e diversificada de atores, reunindo educadores e representantes dos movimentos populares, da academia, trabalhadores e gestores do SUS, como também militantes de outras áreas, entre outros.

Participe das listas de discussão da REDEPOP, ANEPS e ANEPOP para saber de futuros encontros.



COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE - CNEPS

Desde a instituição do CNEPS em 2009 a Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde tem inovado no diálogo com os movimentos populares na perspectiva de fortalecer a EPS como política pública. Importante destacar que a Rede de Educação Popular e Saúde, a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde, a Articulação Nacional de Extensão Popular e Saúde e o GT de Educação Popular da ABRASCO foram os provocadores junto à SGEP para que este novo espaço fosse criado.

O CNEPS configura-se em um espaço dinâmico de articulação, movimentação e construção compartilhada de sentidos, saberes e ações, a fim de promover o diálogo e a troca entre os saberes populares com os técnicos científicos na busca da qualificação do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio do protagonismo popular.

Reúne um coletivo de 28 membros titulares e seus respectivos suplentes, entre representantes governamentais e dos movimentos populares. Entre os seus objetivos está a sistematização e colaboração no processo de formulação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS), que vem sendo construída de forma participativa. Dentre as iniciativas já realizadas pelo CNEPS destaca-se a realização de 6 Encontros Regionais de EPS realizados em 2010 e a I Edição do Prêmio Victor Valla de EPS, além de um conjunto de reuniões, oficinas, fóruns de discussão, além das tradicionais Tendras Paulo Freire que continuam a ser recriadas nos congressos e eventos da área da saúde.

Em seu planejamento está a realização do 1º Seminário Nacional de Educação Popular em Saúde promovido pelo MS em dezembro deste ano.



Contato com o Comitê: osvaldo.bonetti@saude.gov.br e reginaldo.chagas@saude.gov.br

Pesquisar é conviver...

Djalma Ribeiro Junior (djalmacine@yahoo.com.br)



Quando falamos em pesquisa, o que temos em mente? Há quem associe a pesquisa como uma função intelectual a cargo de um cientista na busca incessante para descobrir alguma coisa por meio de métodos científicos que transformam o mundo das coisas e o mundo das gentes em um objeto para ser analisado, testado, aprovado, aplicado e replicado ou reprovado, superado, negado.

Porém há uma outra maneira de compreender a pesquisa como algo que não se define de forma cristalizada, mas que se processa nas relações humanas. Pesquisa como ato político. "Nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente 'a todos' dentro de mundos sociais concretamente desiguais", diz Carlos Rodrigues Brandão. Dentro desta perspectiva, a pesquisa é o momento de encontro, de trocas de visões de mundo, de estar junto, de conviver e de construir de forma coletiva e colaborativa o conhecimento que amanhã precisará ser reconstruído. Aqui a pesquisa é espaço e momento de questionamentos de verdades e de compartilhamento de ideias para que juntos seja possível a transformação do mundo em um lugar cada dia mais justo.

Assim, pesquisar é, antes de tudo, convívio. Convívio que dá o sustento para a amizade, a confiança, o respeito a fim de que os sujeitos envolvidos no processo da pesquisa possam, juntos, traçar estratégias, executar ações, questionar as

ANEPOP – Articulação Nacional de Extensão Popular

Espaço de troca de experiências, discussão e estudos sobre as possibilidades e desafios da extensão na perspectiva da educação popular, denominada de Extensão Popular. Para participar da ANEPOP, não precisa de inscrição, nem de autorização. Ela é uma rede de apoio para quem chega e quer conhecer a Extensão Popular, quem tem curiosidades e quer fazer um novo projeto, ou mesmo para um grande número de pessoas que já está em projetos estruturados, mas quer se integrar aos esforços nacionais de organização, luta e mobilização pela construção de uma Universidade Popular. Tem como base o diálogo e como caminhos a partilha de saberes, inquietações, dúvidas, perplexidades e a organização política.

Para ingressar na lista de discussão virtual da ANEPOP, envie e-mail em branco para o endereço: extensaopopular-subscribe@yahoogrupos.com.br.

Para assistir vídeos da ANEPOP no YouTube, acesse: <http://www.youtube.com/user/anepopbr?blend=23&ob=5>

O povo não aprende com a sabedoria direta do educador a não ser aquilo que aprendeu antes com a própria prática. Então a escola é a rua, a praça em passeata, o salão cheio de greve, as reuniões de mães e de mulheres, a equipe de base, os porões da militância.

As aulas de que o povo aprende a crer em si mesmo são as situações concretas de seu trabalho e a Cultura da Classe são as construções simbólicas da trajetória de suas muitas vitórias e recuos.

O camponês, o operário e o bóia-fria não aprendem as palavras e a gramática de sua própria liberdade um dia nas páginas da cartilha das regras do educador popular burguês.

Eles aprendem nos mesmos lugares e com as mesmas lições que, ao mesmo tempo, ensinam o povo e o educador.

Aprendem com o saber que há em todo o gesto proletário que converte o trabalhador embrutecido pela rotina da fábrica (e pela pedagogia difusa e inimiga dos ardis do opressor)

no militante crítico que encontrou enfim a sua escola no seu próprio mundo, nas suas frentes de combate:

ali, onde o educador popular ou se omite ou aprende de uma vez a passar de "professor" a aliado.

Carlos Rodrigues Brandão

certezas, propor alternativas, resolver problemas sempre de forma coletiva e colaborativa, crítica e criativa.

É neste conviver que o educador popular não apenas acredita na rapaziada que segue em frente e segura o rojão, mas que também passa a ser acreditado pela rapaziada. É aqui que o educador popular alia "o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer por que se quer agir" (BRANDÃO, 1981, p. 12).

Pesquisas em EPS

"Os tempos da docência nas Residências em Área Profissional da Saúde: ensinar, atender e (re)construir as instituições-escola na saúde". Tese de doutorado em Educação de Ananyr Porto Fajardo.

<http://www2.ghc.com.br/GepNet/publicacoes/ananyr1.pdf>

GRUPO DE TRABALHO "EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE" DA ABRASCO

O Grupo Temático - GT - de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Pós-Graduações em Saúde Coletiva - ABRASCO, é um dos 22 GTs da associação. Busca promover a reflexão, pesquisa e publicações relacionadas ao campo diverso da Educação Popular no mundo da Saúde. Articulado sempre às redes e articulações de Educação Popular e Saúde, o GT está formado por aproximadamente 16 profissionais - professores, pesquisadores e gestores - com experiência e produção acadêmica inspiradas por ou junto aos grupos e movimentos populares, atuando em vários estados.

Na atualidade há atividades de pesquisa, publicação, apoio às ações da REDEPOP, da ANEPS, da ANEPOP e do Ministério da Saúde; além da execução de dois projetos geridos pela ABRASCO e financiados pela Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS.

O GT está aberto aos intelectuais e profissionais com produção acadêmica e trabalho de pesquisa, extensão e acompanhamento de experiências locais em Educação Popular e Saúde.

Mais informações no site da ABRASCO:

<http://www.abrasco.org.br>

“Que se tenha o direito de trabalhar sem ser perseguida”

Francisca América dos Reis (donafranciscagoias@gmail.com)

Moro em Goiânia, parteira dos 16 até os 45 anos. Muitas famílias inteiras fiz o parto, de 6, 7 filhos. Com a chegada dos médicos passei a fazer parto onde não tinha condições de fazer.

Antes não existia pré-natal. O que existia era um acompanhamento com a parteira, ela via, olhava, sentia... Tudo através do toque, do toque das mãos e da escuta, e ali a criança ia crescendo, a gente conversava, perguntava como ia passando a gravidez, acompanhava de acordo com cada uma parideira. Tinha muitas mulheres que tinham medo de parir um filho, outras que tinham problemas de enjôo, tinha problema de rins, de bexiga. Não havia recurso, não tinha médico para se procurar. Se cuidava com o natural. Pegava as ervas, fazia os chás, dava para beber, de acordo a necessidade da mãe e respeitando a vida da criança. Ia acompanhando com os chás e com os banhos, e depois que pariam levavam um tratamento mais sério por ali mesmo. Quando a mulher não tinha condições de parir eu levava para o médico, com muita dificuldade, saía na rua, pedia. Deus foi muito legal comigo, nunca deixou uma criança ou uma mulher morrer nas minhas mãos.

O conselho que eu dou hoje é que as mulheres se conscientizem do valor do parto normal e a própria medicina possa conscientizar as mulheres a ter um parto normal, um parto em casa. Se possível, fazer o parto em casa, com todo acompanhamento. Mas se for feito no hospital, que seja um acompanhamento natural, igual nas casas. No hospital, muitas vezes tem um acompanhamento adequado, mas na maioria das vezes as mulheres pequenas, pobres, nem sempre tem alguém que fica acompanhando. Na hora do parto “tudo bem” e pronto. Eles ficam para lá cuidando dos outros, e quando vê, já pariu. As mulheres parem sozinhas e os maridos, quando muito, estão trabalhando, quando não, estão nos bares comemorando ainda nem sabe o que, mas dizem que estão comemorando o parto dos filhos. Isso destrutura a família, vejo nisso uma grande necessidade de mudança para mudar o mundo de hoje.

Um parto normal, por que não pode ser feito, natural? Parto natural é muito importante na vida da mulher e da criança. Quando tem algum perigo, já passa para outra parte. As duas partes são muito importantes, mas quando é lá para o sertão onde fui criada e onde aprendi a ser parteira e benzedeira, foi de acordo com a necessidade do local. Uma mulher vai parir um filho, está tudo normal. Que o parto seja normal até o ponto normal, pois é natureza divina.

O que é mais difícil hoje em dia para a parteira é que tem que ser registrada, se não tiver registro não pode fazer, “você não sabe, não pode fazer”, por que se for pego fazendo e acontecer qualquer coisinha você vai criminalizada. Hoje, se, por exemplo, você está vendo um chá, um remédio, uma garrafada para alguém, escuta: “você não pode por que não tem registro”. É difícil, mas no dia em que for registrado já não é mais popular, natural, não é um trabalho cultural, já é químico. Uma coisa que eu vejo e que eu luto por isso é que se tenha uma licença que se possa trabalhar livre.



Que se tenha o direito de trabalhar sem ser perseguida, é o que eu luto e que eu vejo que tem que haver, que deveria ter. O mais importante é que a pessoa tenha o direito de trabalhar. É bom ser acompanhado, mas que seja o trabalho popular, não mudar para o químico. Não seja um formado, um médico, por exemplo, colocar sua maneira de trabalho naquele popular, por que o jeito de trabalhar popular é um e o jeito do médico é de outra maneira. Que cada um seja acompanhado e que seja respeitada cada maneira de trabalhar.

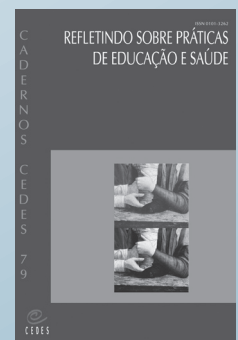
Essa é minha opinião e eu vejo uma grande necessidade.

Refletindo sobre práticas de Educação e Saúde.

O histórico e o contexto nacional da Educação Popular e Saúde apontam para importantes processos e espaços de produção de conhecimentos e práticas em Educação Popular e Saúde vinculados a um compromisso histórico com a justiça social e a melhoria da saúde da população brasileira. Este número do Caderno Cedés traz alguns desses conhecimentos e práticas contribuindo para o debate acerca das possibilidades, desafios e utopias da Educação para a equidade social no contexto brasileiro e da América Latina. Os artigos contemplam produções diversas, abrangendo reflexões teóricas e relatos de pesquisas e extensão realizadas tanto junto ao sistema de saúde quanto junto a iniciativas e movimentos populares.

O Caderno pode ser acessado no endereço:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-326220090003&lng=pt&nrm=iso



De Cenopoesia e Dialogicidade

Ray Lima (limafeliz@gmail.com)

A cenopoesia se traduz como espaço dialógico que rompe com as amarras da própria língua escrita e formal em suas limitações como forma de expressão e comunicação humanas. Mesmo considerando suas inúmeras possibilidades e contribuições para a construção cenopoética, a língua (falada e escrita) esbarra em certas limitações que pedem o complemento ou a interação com outras maneiras de falar, dizer, pensar, expressar o sentimento e as experiências de mundo. Percebendo que por mais que, a partir da língua, busquemos a liberdade criativo-expressiva, acabamos por ficar presos à glote do decano, ao corpo diplomático da gramática, à camisa de força de um corpo pré-configurado e inscrito na história, na trajetória do significado, no corpo sensível da raiz de cada palavra-expressão.

A cenopoesia tem se caracterizado como uma linguagem agregadora que articula linguagens para ganhar diversidade e dar força ao próprio discurso em sua capacidade de expressão. Atua como espaço convergente de articulação, onde se dão as interfaces entre linguagens, tanto em seus aspectos formais quanto em suas singularidades, a construir algo como que um campo dialógico, sinérgico e gerador de novos sentidos multifacetados, ressignificados e reconstruídos como linguagem única, aberta e viva. Daí que não encontra muitas vezes sua libertação na língua, dentro ou em seu dorso literal, mas em infinitas possibilidades de interação entre linguagens, discursos ou sentidos semiotizados.

A experiência cenopoética como linguagem artística vem acontecendo há duas décadas, tendo início no Rio de Janeiro e se efetivado no Ceará e Rio Grande do Norte, através principalmente do Movimento Escambo Popular Livre de Rua. Nasce do rompimento com modos tradicionais de recitais poéticos e com o império da fala e da escrita como únicas formas de validar o pensamento humano. Além disso, tem se mostrado enriquecedora e inovadora ferramenta pedagógica em processos educativos de educação popular,



formal e não-formal. Destravando as relações de poder entre linguagens como teatro, música, poesia, dança, artes plásticas, dentre outras formas de expressão, a cenopoesia trilha por caminhos próprios sem perder a força dialógica em sua interação com outras formas de expressão e comunicação. Juntar-se ao outro não passa tão somente por uma questão de sobrevivência, mas também uma ação de libertação e afirmação da identidade.

Nesta acepção, o exercício da linguagem cenopoética revela-se, além de expressão artística genuína, como potente estratégia de problematização em processos formativos e pedagógico-vivenciais, em ações de educação, promoção e humanização em saúde. Desta forma, ao longo do tempo, tem propiciado intensos diálogos entre pessoas, linguagens, ideias e visões de mundo numa perspectiva eco-humanizadora. E nesta prática-reflexivo-expressiva ninguém precisa deixar de ser o que é ou como é para encantar e se deixar encantar a partir de um diálogo diverso, amoroso, problematizador e poemático do mundo, considerando os diferentes e suas diferenças, os múltiplos e suas singularidades.

PARA SABER MAIS SOBRE OS TEMAS DESTA BOLETIM

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FLEURI, RM. Victor Valla e a pesquisa militante. Rev. Bras. Ed. vol.14 no 42 Rio de Janeiro Set./Dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782009000300013&script=sci_arttext

LIMA, C. M. P.; STOTZ, E. . Ouvidoria Coletiva: uma proposta de participação e diálogo. Tecnologias de Educação e Saúde. Coletânea Informar e Educar em Saúde: análises e experiências. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Salvador: Editora UFBA, 2011.

LIMA, CM; STOTZ, E. Religiosidade popular na perspectiva da Educação Popular em Saúde: um estudo sobre pesquisas empíricas. RECIIS. Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde (Edição em português. Online), v. 4, p. 81-93, 2010. Disponível em: <http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/388/604>

LIMA, CM; VALLA V(org). Religiosidade Popular e Saúde. Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina e Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz. Rio de Janeiro: 2003.

VALLA, V.O que a saúde tem a ver com a religião? In: Valla, V. (org.). Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. P.117.

Construindo a Política de Educação Popular em Saúde no contexto da mobilização para a 14ª CNS

Oswaldo Peralta Bonetti (osvaldo.bonetti@saude.gov.br); Reginaldo das Chagas (reginaldo.chagas@saude.gov.br);
Theresa de Albuquerque Siqueira (theresasiqueira@gmail.com)

A Educação Popular em Saúde (EPS) enquanto campo teórico-metodológico e prática social tem apresentado desafios à política pública de saúde para o avanço da democracia participativa, afirmando o Sistema Único de Saúde (SUS) como garantidor do acesso às ações de saúde, mas, essencialmente constituído por valores promotores de relações mais humanizadas.

Pensar a EPS no contexto da 14ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) nos faz refletir sobre seu histórico de institucionalização iniciado em 2003, desde sua entrada no Ministério da Saúde com o conquista do Governo Lula. Muitas mudanças aconteceram, muitas dificuldades foram enfrentadas. De maneira geral essa caminhada é avaliada positivamente, uma vez que, atualmente, o MS encontra-se comprometido com a formulação e implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde, que vem sendo construída participativamente e tem como um de seus canais de diálogo o Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde, do qual esta Rede participa.

O simbolismo e a expectativa depositada na 14ª CNS nos impulsiona a fortalecermos este processo de mobilização e reflexão nacional no sentido de compartilharmos as contribuições que a EPS apresenta ao atual momento de implementação do SUS, em especial em relação ao seu eixo temático: "Acolhimento e Acesso com Qualidade". O momento é oportuno: a saúde tem sido colocada como pauta prioritária do Projeto de Erradicação da Pobreza no país. Um avanço significativo é a publicação do Decreto nº 7.508/2011 de regulamentação da Lei 8080, que legitima a Atenção Primária como porta de entrada do Sistema entre outros avanços organizativos. Contudo, precisamos fortalecer os dispositivos democratizadores da participação popular na política de saúde, dentre os quais a EPS merece evidência.

Democratização é a palavra chave tanto para garantirmos o acesso a todos como para a conquista de um sistema acolhedor, este último talvez mais complexo, pois, para garantir acolhimento é necessário algo mais - o sentido de pertencimento apontado por Paulo Freire. Nesse sentido, a EPS tem apontado princípios que podem contribuir com as práticas de saúde nessa busca, como a problematização da realidade vivenciada pelas populações enquanto elemento básico dos processos educativos e de planejamento no enfrentamento dos determinantes sociais da saúde; a valorização do saber popular como forma de construirmos relações e vínculos mais efetivos, além do desafio de resgatarmos e articularmos as práticas populares de cuidado aos serviços de saúde; a construção compartilhada do conhecimento, e a amorosidade, elemento intrínseco da humanização do sistema, que implica o reconhecimento do outro em sua totalidade e diversidade.



Em 2010 foram realizados seis Encontros Regionais de EPS promovidos pelo MS em parceria com os movimentos populares que compõem o CNEPS e, nestes encontros, foi explícita a necessidade de reinventarmos a participação no SUS, considerar o "jeito de ser brasileiro" de promover um Sistema de Saúde cada vez mais humanizado e identificado culturalmente com a população que o constrói e o acessa cotidianamente.

De modo geral, podemos afirmar que o desafio atual é a institucionalização das práticas e dos princípios da EPS no SUS, o que significa abrir espaço para a EPS no Estado brasileiro e contribuir com melhoria da qualidade de vida das pessoas, seja pela agregação de valores culturais, seja pela incorporação de práticas e saberes que estão na sociedade, nos movimentos populares. Institucionalidade assim entendida como o Estado reconhecendo, legitimando valores da sociedade que historicamente foram marginalizados.

Dentre as estratégias apontadas para fortalecer este processo acentuam-se algumas ações como a produção e resgate de conhecimento; a visibilidade às práticas populares de cuidado, destacando-se a importância dos terreiros, das parteiras, benzedeadas, das plantas medicinais, entre outras; a intersetorialidade e a inserção da EPS como referencial do processo político metodológico da formação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e dos agentes de endemias e a potencialização dos processos formativos articulados ao SUS.

A EPS não é assunto novo nas Conferências, porém suas múltiplas possibilidades devem ser referenciadas para além da ação do próprio movimento popular, mas também, dos espaços da gestão, formação e atenção no SUS. É o momento de pensarmos no inédito viável, trazendo para a 14ª CNS nossas contribuições para que tenhamos um SUS cada vez mais humanizado, participativo e popular.